

BIOGRAFIA DE CARL ROGERS



João Hipólito

Resumo: O presente trabalho traça uma panorâmica da evolução do pensamento de Carl Rogers, inserindo-a no contexto da sua biografia. Os principais conceitos rogerianos, nos diferentes campos das ciências humanas, são abordados sucintamente.

Palavras-Chave: Carl Rogers; Terapia Centrada no Cliente; Abordagem Centrada na Pessoa; Pedagogia Centrada no Aluno; Orientação Não-Directiva

Abstract: This paper presents a overview of the evolution of Carl Rogers thinking, placing it in the context of his biography. The main rogerian concepts, in the different fields of human sciences, are shortly discussed.

Key-Words: Carl Rogers; Client-Centered-Therapy; Person-Centered Approach; Student Centered Learning; No-Directive Orientation

1. Introdução

Kirschenbaum e Henderson publicaram em 1989 um livro com alguns dos textos de Carl Rogers, “The Carl Rogers Reader”. Na introdução lê-se: “Carl Ransom Rogers (1902-1987) foi o mais influente psicólogo na história americana”. Segundo o próprio Kirschenbaum afirma num dos artigos incluídos numa publicação colectiva sobre Rogers, o manuscrito original nomeava, mais precisamente, Rogers como sendo “o mais influente psicoterapeuta da história americana”.

Kirschenbaum baseava-se num trabalho publicado em 1982 por D. Smith no *American Psychologist*¹. Este autor realizou um inquérito a psicólogos, membros das secções de psicologia clínica e de aconselhamento da Associação Americana de Psicologia, sendo a amostra composta por 800 elementos. Nesta investigação, se a terapia ecléctica apresentava o maior grau de difusão, Carl Rogers vinha, contudo, no topo da lista das figuras que mais impacto tinham tido na terapia e no aconselhamento. Num outro trabalho publicado, em 1991, no *Canadian Journal of Counse-*

ling por R. E. Warner, que assentava num estudo desenvolvido a partir de uma amostra de 80 terapeutas de serviços universitários de aconselhamento no Canadá, verifica-se que a Abordagem Centrada na Pessoa aparece em segunda posição, a seguir à terapia ecléctica e antes da terapia cognitiva-comportamentalista. Novamente Carl Rogers é referido como o mais influente dos terapeutas.

Também Kaplan² na sexta edição do seu conceituado tratado de

Carl Ransom Rogers (1902-1987) foi o mais influente psicólogo na história americana.

psiquiatria, publicada em 1995, o menciona como tendo sido, provavelmente, o mais influente teórico no campo das teorias humanísticas da personalidade.

Mesmo que Carl Rogers não tenha sido o mais importante psicólogo do seu tempo, como pensa John K. Wood, nem o mais influente psicólogo, mas só o mais influente psicoterapeuta da história americana, não há dúvida que a sua pessoa e a sua obra marcaram de maneira indelével não só a psicologia e a psicoterapia americana, mas também a psicologia e a psicoterapia em geral, e só ignorantes ou mal-intencionados podem pôr em dúvida o seu valor e a importância do seu contributo no campo científico.

Achamos importante referir

que publicou mais de 250 artigos, cerca de 20 livros, sozinho ou em colaboração com outros autores, e foram ainda realizados cerca de 12 filmes sobre o seu trabalho, deixando um elevado número de documentos sonoros e audiovisuais que exemplificam a sua actividade.

A sua obra e as suas ideias nos múltiplos campos do humano são incontornáveis e parece-nos poder afirmar que não há nenhum psicólogo, psicoterapeuta ou pedagogo de qualquer escola ou tendência, que não se tenha já deparado, num momento ou noutro da sua formação, com algum dos textos ou alguma referência ao trabalho desenvolvido pelo autor.

Quer se trate de “Orientação Não Directiva” em psicoterapia, de Terapia Centrada no Cliente, de Abordagem Centrada na Pessoa, de Pedagogia Centrada no Aluno, ou Experiencial, de Grupos de Encontro, de Gestão de Recursos Humanos ou de Gestão de Empresas, de Mediação de Conflitos Sociais, Políticos ou Raciais, a sua acção ao longo deste século foi de um contínuo empenho no caminho da liberdade e da libertação das forças que no humano são motoras de actualização de potencialidades.

2. A trajectória de Carl Rogers

Para compreender a obra e o contributo de Carl Rogers no desenvolvimento do conhecimento da pessoa em geral e no aprofun-

damento da psicologia e da psicoterapia em particular, é importante inseri-lo na sua história, no seu trajecto pessoal que o determina, quer ele o admita ou não, tendo em consideração a sua oposição aos conceitos de determinismo, enraizando-se no ponto de vista filosófico da corrente existencialista e da sua atitude de confiança na capacidade do Humano em se tornar livre e decidir sobre o seu próprio futuro.

Carl Ransom Rogers nasceu a 8 de Janeiro de 1902 em Oak Park nos arredores de Chicago. Tinha quatro irmãos e uma irmã, sendo o antepenúltimo.

Faleceu em La Jolla, na Califórnia, a 4 de Fevereiro de 1987 na sequência de uma fractura do colo do fémur. De acordo com as instruções que deixara, as máquinas que mantinham “artificialmente” a sua vida foram desligadas após três dias de coma.

Os pais, de educação universitária, faziam parte de uma comunidade protestante de forte pendor fundamentalista. A família valorizava uma educação moral, religiosa, sendo muito conservadora, isto é, muito enraizada nos valores tradicionais e fechada sobre ela mesma; contudo, intelectualmente era muito estimulante.

Desde muito novo Carl Rogers mostrou-se interessado pela leitura e pelo “saber”. Foi sempre um aluno excepcionalmente brilhante, mantendo, no entanto, uma colaboração constante nos trabalhos do

quotidiano familiar, reduzindo ao mínimo a sua rede relacional fora da família. A hipervalorização do trabalho físico ou intelectual, não dava azo a outras actividades de lazer, que não fosse a leitura dos clássicos, de preferência de carácter religioso.

Quando Rogers tem 12 anos o pai compra uma grande quinta nos arredores de Chicago para onde a família vai morar, com a intenção oficial de fazer uma agricultura “científica”. Segundo Carl Rogers, o objectivo real era afastar os filhos dos “perigos da vida da cidade”.

A vida na quinta e o trabalho na agricultura levam-no naturalmente a matricular-se em 1919 em Agronomia na Universidade de Wisconsin. Envolve-se em várias actividades comunitárias desenvolvendo as suas capacidades de “facilitador” e organizador. Entra em contacto com meios evangélicos militantes e decide mudar para o curso de História com a intenção de se dedicar posteriormente à carreira eclesiástica.

No terceiro ano da faculdade faz uma viagem à China integrado numa delegação americana com o objectivo de participar no Congresso da Federação Mundial dos Estudantes Cristãos. A viagem dura seis meses e, no decorrer da mesma, abandona parte das suas convicções religiosas, abrindo-se à diversificação das ideias e opiniões. Ao chegar de novo aos Estados Unidos ganha uma nova indepen-

dência e autonomia face às opiniões e posições da família, tendo começado a sofrer de uma úlcera gástrica, provavelmente como resultado deste processo de afirmação.

Guarda, contudo, a sua motivação para uma carreira pastoral e empenha-se social e politicamente, tentando demonstrar a incompatibilidade do cristianismo e da guerra através de escritos sobre o pacifismo do reformador Wyclif ou sobre a posição de Lutero face à autoridade.

Em 1924, Carl Rogers termina a sua licenciatura em História e casa-se com Hellen Elliot, sua amiga de infância, de quem virá a ter dois filhos: David e Natalie.

Após ter obtido a sua licenciatura em História, Carl Rogers matricula-se no Seminário da União Teológica em Nova Iorque, seminário conhecido pelas suas posições “liberais” e, ao mesmo tempo, academicamente bem cotado, recusando a ajuda financeira que o pai, Walter Rogers, lhe oferecia se aceitasse matricular-se no Seminário de Princeton conhecido, então, como muito mais conservador.

Durante o primeiro ano nesta instituição, Rogers tem a oportunidade de frequentar alguns cursos na faculdade de psicologia, contactando assim com os psicólogos Godwin Watson e William Kilpatrick que muito o impressionam. Com outros colegas organiza um seminário de reflexão auto-facilitado e acaba por tomar consciên-

cia da sua “não vocação” para o ministério pastoral, apesar do estágio realizado nesse mesmo Verão, como pastor substituto na paróquia de Dorset em Vermont. Assim, no segundo ano do curso transfere-se para o Teachers’ College da Universidade de Columbia com o objectivo de frequentar o curso de psicologia clínica e psi-

Em 1939, publica o seu primeiro livro: “O tratamento clínico da criança-problema” no qual expõe o essencial das suas reflexões e pesquisas realizadas até esse momento.

copedagogia. Nessa instituição é marcado pela filosofia de John Dewey que terá um grande impacto na evolução das suas ideias. Entretanto, para sustentar economicamente a família continua a colaborar com instituições eclesiásticas no ensino religioso.

Em 1926, Carl Rogers postula e obtém um lugar de interno no Instituto de Aconselhamento (“*guidance*”) Infantil recém criado pelo Fundo Comunitário de Nova Iorque. Após ter recebido um contrato de 2.500 dólares anuais, querem reduzir-lhe o salário para metade, visto não ser psiquiatra mas psicólogo. Começa a sua primeira “guerra” com a psiquiatria, mas consegue ser pago em igualdade com os psiquiatras.

Em 1928, Carl Rogers doutora-se no Teachers’ College. Na sua tese desenvolvia um teste de per-

sonalidade para crianças ainda hoje utilizado. Nessa altura trabalhava como psicólogo no Centro de Observação e Orientação Infantil da Sociedade para a Prevenção da Crueldade sobre as Crianças, em Rochester. A partir de 1929, dirige este Centro e, durante 12 anos, interessa-se pelo trabalho com crianças delinquentes e marginais. Na instituição entra em contacto com Otto Rank que o marca mais pela sua prática terapêutica do que pelas suas teorias. Maior impacto terá, sem dúvida, Jessie Taft que publica em 1933 o livro “The Dynamics of Therapy in a Controlled Relationship” que Carl Rogers considerará como uma obra prima, quer ao nível da forma quer do conteúdo literário. Progressivamente, Rogers abandona uma orientação directiva ou interpretativa, optando por uma perspectiva mais pragmática de escuta dos clientes, numa posição precursora do que mais tarde estruturará como Orientação Não Directiva em terapia.

A partir de 1935 começa a leccionar no Teachers’ College, mas não vê nem o seu ensino nem o seu estatuto de psicólogo reconhecido pelo departamento de psicologia da faculdade e só muito mais tarde, após vários anos de ensino nos departamentos de sociologia e psicopedagogia, e quando já está para abandonar Rochester, o departamento de psicologia o reconhecerá como psicólogo e como docente.

Em 1938, Carl Rogers entra de

novo em “guerra” com os psiquiatras. O Centro, em que trabalha e que dirige, transforma-se e amplifica-se e o conselho de administração sob a pressão dos médicos psiquiatras, decide, como então era tradição, contratar para director um psiquiatra, apesar de estarem satisfeitos com o trabalho que Rogers até então realizara. Carl Rogers luta vivamente e consegue ser reconhecido como primeiro director do novo Centro de Aconselhamento de Rochester.

Em 1939, publica o seu primeiro livro: “O tratamento clínico da criança-problema”³ no qual expõe o essencial das suas reflexões e pesquisas realizadas até esse momento.

Com a publicação desse livro começa a ser conhecido na qualidade de psicólogo clínico e é convidado para professor catedrático da Universidade de Estado do Ohio, sendo da sua responsabilidade a cadeira de “Técnicas de Psicoterapia”. Não deixando de referir os modelos mais importantes em psicoterapia e aconselhamento, tem a possibilidade de explicitar a sua abordagem terapêutica numa perspectiva que ele considerará mais genericamente como “as novas” ou “mais recentes terapias” e que define, por oposição às “antigas”, como sendo centrada sobre a expressão, a auto-aceitação, a tomada de consciência e a relação terapêutica, e não sobre a análise do passado, a sugestão ou a interpretação.

Assim, durante a sua passagem pela Universidade de Ohio introduz na faculdade o ensino e a prática da psicoterapia assim como a supervisão e, ainda, surge com a inovação de, pela primeira vez, utilizar a gravação integral das entrevistas e de tratamentos completos, como metodologia de investigação sobre os processos terapêuticos.

Desenvolve progressivamente e de uma forma pragmática, uma intervenção cada vez mais “não directiva”, utilizando técnicas de reformulação e clarificação dos sentimentos, assentes numa atitude de maior aceitação dos sentimentos do cliente por parte do terapeuta.

Carl Rogers só tem consciência da originalidade do seu pensamento quando é confrontado com as reacções provocadas pela conferência que faz na Universidade de Minnesota a 11 de Dezembro de 1940. Ele intitula-a: “Novos conceitos em psicoterapia” e nela afirma que “o alvo da nova terapia não é resolver um problema particular, mas ajudar o indivíduo a crescer, de maneira que ele possa fazer face ao problema actual e aos problemas que mais tarde apareçam de uma maneira mais bem integrada... ela baseia-se muito mais na tendência individual para o crescimento, saúde e adaptação...”, perspectiva bem precursora da corrente actual da Psicologia da Saúde. Em segundo lugar, diz ainda Rogers, “esta nova terapia põe mais ênfase nos elementos emocionais, nos aspectos emocionais da

situação, do que nos aspectos intelectuais...” Em terceiro lugar, “esta nova terapia dá maior ênfase à situação imediata do que ao passado do indivíduo...” Finalmente, diz Rogers, “esta abordagem considera a relação terapêutica em si mesmo como uma experiência de crescimento.”⁴

Criticado ou apreciado, ele não deixa os auditores indiferentes e toma consciência de que a sua posição relativamente à terapia é singular. Rogers diz: “Pode parecer absurdo alguém poder nomear o dia em que a Terapia Centrada no Cliente nasceu. Contudo, eu sinto que é possível nomeá-lo como sendo o dia 11 de Dezembro de 1940”. Essa data passou, assim, a ser considerada no movimento rogeriano como sendo a fundadora do movimento, ou, talvez fosse mais justo dizer, o mito-fundador da comunidade rogeriana.

Carl Rogers prepara então uma exposição mais detalhada e sistemática da sua abordagem da terapia, que publicará em 1942 no livro *Aconselhamento e Psicoterapia*⁵. Os conceitos de “aconselhamento” e “psicoterapia” parecem cada vez mais equivalentes assim como os de “Orientação Não Directiva em Terapia” e “Terapia Centrada no Cliente”. O livro aparece como uma inovação, publicando-se pela primeira vez, e na íntegra, um tratamento a partir da

transcrição da sua gravação. Esta obra foi um sucesso e best-seller profissional, se bem que tenha passado despercebido aos jornais e revistas da especialidade quer psiquiátricas, quer psicológicas.

Se por um lado o reconhecimento oficial de Carl Rogers se exprime em honras profissionais — é eleito vice presidente da Associação Americana de Ortopsiquiatria e presidente da Associação Americana de Psicologia Aplicada —, por outro existe uma ambivalência das instituições manifestada pela falta de apoio e por uma certa marginalização na sua Universidade.

Assim, quando no Verão de 1944 é convidado por Ralph Tyler para professor de psicologia na Universidade de Chicago e lhe propõe criar um novo Centro de Aconselhamento, Carl Rogers aceita, deixando atrás de si um grupo de discípulos, alguns dos quais se tornaram em figuras de proa da abordagem centrada na pessoa, tais

A partir de 1972, dedica-se preferencialmente à intervenção e reflexão sobre os aspectos referentes às áreas do social e do político, explorando as possibilidades maturativas e criativas que os grupos de ensino oferecem.

como, Virgínia Axline, Arthur Combs, Nat Raskins e John Shlien, ou mesmo traçando caminhos

novos como Thomas Gordon e Eugene Gendlin.

A criação deste Centro de Aconselhamento Psicológico, leva-o mais uma vez a ter que vi-

A sua atenção dirige-se também de maneira prioritária, nesta época, para o campo da educação, propondo uma pedagogia centrada no aluno, experiencial.

venciar situações de tensão com os psiquiatras e neste caso mais especificamente, com o departamento de psiquiatria da mesma Universidade.

O período de 1945 a 1957 é para Carl Rogers muito rico quer do ponto de vista humano quer do ponto de vista científico, publicando extensa bibliografia e, mais particularmente, o livro “Terapia Centrada no Cliente”⁶ onde, com a colaboração da sua equipa, faz o ponto das suas pesquisas e reflexões.

No entanto, entre 1949 e 1951, Carl Rogers atravessa um período de profundo sofrimento, pois, após ter vivido momentos de extrema dificuldade no processo psicoterapêutico de uma paciente esquizofrénica, passa por um período de depressão afectando a sua capacidade de trabalho e de funcionamento. Finalmente, aceita a ajuda de um dos seus discípulos, Ollie

Bown, com quem faz uma psicoterapia pessoal, experimentando nele mesmo a eficácia do seu mo-

Richard Farson dirá que Carl Rogers é “o homem cujo efeito cumulativo na sociedade o tornou num dos revolucionários sociais mais importantes do nosso tempo”.

delo, o que lhe proporcionou um longo percurso de “crescimento” pessoal que nunca mais o abandonou.

Podemos dizer que o seu reconhecimento profissional, foi, finalmente, expresso pela sua eleição como presidente da Associação Americana de Psicologia (1946), pela sua eleição como presidente da recém criada Academia Americana de Psicoterapeutas (1956) e pela atribuição em 1956 do Prémio pelo Eminente Contributo Científico (Distinguished Scientific Contribution Award), pela Associação Americana de Psicologia, que sublinhava: “por ter desenvolvido um método original para descrever e analisar o processo terapêutico, por ter formulado uma teoria da psicoterapia e dos seus efeitos na personalidade e no comportamento, susceptível de ser testada, pela extensa e sistemática pesquisa para explicitar o valor do método e explorar e testar as implicações da teoria. A sua imaginação, persistência e adaptação flexível do método científico no ataque dos grandes problemas envolvidos na com-

preensão e modificação da pessoa moveram esta área de interesse psicológico para dentro das fronteiras da psicologia científica”.

O fulcro da sua abordagem passa da importância dada às técnicas para, progressivamente, acentuar as atitudes, isto é, da técnica da reformulação para as atitudes de compreensão empática, de aceitação do cliente, de congruência do terapeuta, de confiança nas capacidades do cliente para a auto-actualização das suas potencialidades e para a auto-organização e, finalmente, para a valorização das potencialidades terapêuticas da relação.

É também um período de intensa actividade de investigação durante o qual mais de duzentas pes-

Toma consciência da importância da dimensão da “presença” na terapia, que ele associa a uma forma de comunicação transpessoal e na qual a intuição tem um papel importante.

quisas são realizadas assim como milhares de sessões de terapia são gravadas e analisadas. Publica em

1957 um dos seus mais importantes artigos, no qual procura de maneira rigorosa definir “as condições necessárias e suficientes para mudança terapêutica da personalidade”, condições essas que seriam comuns a todas as relações terapêuticas quaisquer que fossem os modelos teóricos que as inspirassem e susceptíveis de serem testada experimentalmente. Este artigo continua a ser hoje um dos pilares do modelo da Terapia Centrada no Cliente e tem sido objecto de um

Carl Rogers investe cada vez mais nos últimos anos da sua vida na investigação, empenhando-se em grandes workshops transculturais, ou de esforço pela paz e, finalmente em 1987, o seu nome faz parte do grupo das personalidades indicadas para a atribuição do prémio Nobel da Paz.

corpo numeroso de pesquisa.

O seu nome começa a ser bem conhecido e é convidado por várias Universidades para ensinar como professor convidado (UCLA, Harvard, Berkley, Brandeis, etc.) e, mais particularmente, em 1957 pelo Departamento das

Ciências da Educação da Universidade de Wisconsin onde, após uma experiência de alguns meses,

acaba por se instalar.

Durante os sete anos que vai durar a sua permanência nessa Universidade, Carl Rogers e a sua equipa fazem um esforço colossal de pesquisa na área da psicoterapia dos doentes esquizofrénicos, publicada, no essencial, em 1967, no livro “A relação terapêutica e o seu impacto”.

No Verão de 1961, Carl Rogers faz uma longa viagem ao Japão onde é recebido calorosamente e onde estabelece laços de amizade e de partilha profissional que considera como muito enriquecedores. Nesse mesmo ano publica o livro “Tornar-se pessoa”⁷ que rapidamente se torna um best-seller mundial.

Nesse livro Carl Rogers explora a aplicação dos princípios da terapia centrada no cliente a outros domínios do humano - educação, relações inter-pessoais, relações familiares, comunicação intergrupal, criatividade — e apresenta a sua abordagem como uma filosofia de vida, uma “maneira de ser” (“a way of being”), com profundas implicações e aplicações em todos os domínios do humano. Foram vendidos quase um milhão de exemplares desta obra.

Rogers investe cada vez mais no trabalho com os grupos de encontro. O interesse pelos grupos já tinha começado em 1946-47, sensivelmente ao mesmo tempo que Kurt Lewin o havia feito no National Training Laboratories em Bethel.

Kurt Lewin e a sua equipa pareciam mais interessados na formação de quadros profissionais, considerando como acessório o aspecto de progresso pessoal dos participantes. Rogers, pelo contrário, considerava este último aspecto como prioritário e fundamental e, sobretudo desde 1960, após a criação do Centro para o Estudo da

pidamente como um livro de consulta obrigatória na área. Ele segue

Grande parte de seus conceitos foram integrados pelas múltiplas correntes terapêuticas, quando não mesmo pela linguagem comum.

uma linha de divulgação e análise da sua pesquisa, que vê premiada, em 1966, através da atribuição do Óscar do melhor documentário de

Podemos dizer que as ideias de Carl Rogers tiveram uma imensa difusão quer no campo da psicologia quer no da psicoterapia e a sua influência estendeu-se a todas as ciências humanas.

Pessoa, em La Jolla (1968), considera o trabalho dos grupos de encontro como o instrumento privilegiado não só para o desenvolvimento pessoal mas também para a educação, para a gestão e administração e para a resolução de conflitos.

O livro “Grupos de encontro”,

longa duração do ano, ao filme produzido por Bill McGaw “Journey into Self”. Este filme apresenta na íntegra uma sessão de grupo de encontro facilitada por Carl Rogers.

Em 1971, em colaboração com o filho David e Orienne Strode, Rogers desenvolve o “Human Di-

De alguns anos a esta parte, o movimento rogeriano tomou consciência contudo da riqueza da herança recebida e do facto de que a Terapia Centrada no Cliente tinha ainda hoje pleno lugar no panorama das psicoterapias como uma das mais firmemente esteadas na pesquisa e com mais sólidas raízes filosóficas.

publicado em 1970, aparece como um instrumento de trabalho apreciado tanto pelos profissionais como pelos leigos e impõe-se ra-

mension Project” para utilização dos grupos de encontro na educação médica e na formação à relação médico-doente.

A sua atenção dirige-se também de maneira prioritária, nesta época, para o campo da educação, propondo uma pedagogia centrada no aluno, experiencial. Esta pedagogia aparece como tendo muitos pontos comuns com a que Paulo Freire propôs como “educação não bancária”, apesar de Carl Rogers ainda não ter, nesse momento, conhecimento do trabalho de Paulo Freire. A Pedagogia Experiencial é objecto de um grande número de trabalhos de pesquisa que se encontram parcialmente descritos nos dois grandes livros: “Liberdade para Aprender”, publicado em 1969, e “Liberdade para Aprender nos Anos 80”, publicado em 1983. O essencial da sua

Foi bem Carl Rogers uma das figuras de proa da chamada terceira força da psicologia, a psicologia humanista, alternativa humanista às posições essencialistas e deterministas das psicanálises e dos comportamentalismos.

mensagem consiste no facto de que os alunos aprendem melhor, são mais assíduos, mais criativos e mais capazes de solucionar problemas quando os professores proporcionam o clima humano e de facilitação que Carl Rogers propõe.

Com 70 anos, Carl Rogers é o primeiro psicólogo americano a receber os dois maiores galardões da Associação Americana de Psicologia, tanto pelo seu contributo científico como pelo seu contri-

buto profissional.

A partir de 1972, dedica-se preferencialmente à intervenção e reflexão sobre os aspectos referentes às áreas do social e do político, explorando as possibilidades maturativas e criativas que os grupos de encontro oferecem.

Expõe o essencial destas reflexões no livro publicado em 1977 “Poder Pessoal”⁸ e em 1967 apresenta o seu modelo de abordagem centrada na pessoa e a sua filosofia de intervenção não só como um modelo de psicoterapia mas também como uma abordagem eficaz em todas as relações humanas, quer elas sejam relações de ajuda, relações pessoais ou políticas. Richard Farson dirá que Carl Rogers

é “o homem cujo efeito cumulativo na sociedade o tornou num dos revolucionários sociais mais importantes do nosso tempo”.

Carl Rogers faz uma análise do sucesso das negociações de Camp David, em 1978, entre Israelitas e Egípcios em termos de dinâmica de grupo de encontro e propõe essa fórmula para a resolução dos conflitos sociais e políticos.

Recordemos que o “modelo de Campo David” é aplicado de novo em 1995, com relativo sucesso, para pôr fim, esperamos que definitivamente, ao conflito armado da Bósnia e de novo em 1998 para dar

um novo impulso aos acordos de paz no médio oriente.

Rogers facilita, em 1985, em Rast, na Áustria, um workshop com 50 líderes internacionais, incluindo o ex-presidente da Costa Rica, embaixadores e pessoas de grande influência política e diplomática, tendo como objectivo trabalhar, segundo o modelo dos grupos de encontro, na problemática das tensões, então muito fortes na América Central.

Carl Rogers investe cada vez mais nos últimos anos da sua vida na investigação, empenhando-se em grandes workshops transculturais, ou de esforço pela paz e, finalmente em 1987, o seu nome faz parte do grupo das personalidades indicadas para a atribuição do prémio Nobel da Paz. Infelizmente a morte colheu-o antes, num momento em que, apesar da sua idade avançada, continuava perfeitamente lúcido, extremamente activo, e gozando plenamente da vida em todos os domínios desta e, como ele dizia aos seus amigos mais próximos, como nunca o fizera antes.

Estes últimos anos foram também marcados, sobretudo após a morte de sua esposa Helen, em Março de 1979, por um maior interesse pela dimensão espiritual do homem, pela sua integração numa globalidade que o transcende e que se insere numa harmonia global do universo. Toma consciência da importância da dimensão da “presença” na terapia, que ele associa a

uma forma de comunicação transpessoal e na qual a intuição tem um papel importante. Apresenta-a como um novo campo a explorar no âmbito da sua abordagem e no domínio daquilo que se poderia chamar, talvez, os estados alterados de consciência.

Assim, de uma certa maneira, o círculo se fechara. Dos primeiros interesses e empenhos numa teologia e numa carreira pastoral, Carl Rogers chega ao fim da sua vida a um interesse renovado pelo campo do espiritual no homem, mas num espírito de liberdade e de tolerância, muito longe da visão fundamentalista e estreita da sua juventude. Guardara talvez o aspecto proselitista, a confiança indestrutível num futuro melhor, não ignorando, como ele fez questão de sublinhar em numerosas ocasiões, toda a miséria, dor, sofrimento e mal que nos acompanham na nossa peregrinação.

3. A difusão do pensamento de Carl Rogers nas ciências humanas

Quando Rogers começa o seu trabalho de terapeuta, a psicoterapia era considerada nos Estados Unidos como uma actividade médica e só reservada aos médicos. Rogers não só se opõe a este monopólio como até pretende, num primeiro tempo, defender que os médicos, cuja formação privilegia o diagnóstico e a propensão para dirigir os outros, não apresentam a

formação de base ideal para a prática desta nova profissão, a qual ele considera naturalmente mais indicada para as pessoas com uma formação de base em psicologia.

Grande parte de seus conceitos foram integrados pelas múltiplas correntes terapêuticas, quando não mesmo pela linguagem comum. A noção de empatia foi retomada por todas as escolas e ninguém desconhece a importância deste conceito desde a psicanálise, sobretudo com Kohut, até às teorias cognitivo-comportamentalistas. Do mesmo modo, quer a congruência, quer a aceitação, foram conceitos que se difundiram de forma tal que a abordagem terapêutica de Carl Rogers parecia condenada a desaparecer diluída e integrada pela multiplicidade das escolas. Talvez o conceito que maior dificuldade teve em ser adequadamente compreendido e integrado tenha sido o de não-directividade, apesar de muitas escolas considerarem a sua intervenção terapêutica como não-directiva.

Poder-se-ia pensar que o ciclo estava concluído e que o pensamento de Carl Rogers, por se ter integrado plenamente na cultura, deixara de ter pertinência e singularidade para se esbater naquela herança cultural que todos partilham sem reivindicar especificidades.

Carl Rogers, referindo-se a estes princípios, escreve que eles “se infiltraram na educação, onde as suas implicações revolucionárias provocam controvérsias. Influenci-

aram casamentos e parcerias. Afectaram as relações com os pais. Alcançaram indústrias e escolas de gestão... A educação e práticas médicas também sentiram a mudança. Nem mesmo a profissão jurídica ficou isenta. O aconselhamento pastoral foi profundamente mudado. Trabalhadores no desenvolvimento de comunidades actuam de modo diferente. Pessoas de várias ocupações e em todos os caminhos de vida se sentiram com mais poder, descobriram uma compreensão mais profunda do self, aprenderam intimidade”.

Podemos dizer que as ideias de Carl Rogers tiveram uma imensa difusão quer no campo da psicologia quer no da psicoterapia e a sua influência estendeu-se a todas as ciências humanas.

4. A posição de Carl Rogers na Psicologia actual

Durante a maior parte da sua vida Carl Rogers opôs-se à institucionalização do seu pensamento ou das suas ideias e a sua saída do meio universitário, ao trocar a Universidade de Wisconsin pelo Western Behavioral Sciences Institut na Califórnia, provocou indubitavelmente um certo declínio da influência directa das suas ideias no campo da psicologia em geral e da formação em psicoterapia em particular.

De alguns anos a esta parte, o movimento rogeriano tomou cons-

ciência contudo da riqueza da herança recebida e do facto de que a Terapia Centrada no Cliente tinha ainda hoje pleno lugar no panorama das psicoterapias como uma das mais firmemente esteadas na pesquisa e com mais sólidas raízes filosóficas.

Apareceu, assim, uma segunda vaga de terapeutas que no “universo” rogeriano são por vezes considerados como puristas ou ortodoxos e que, sem pôr em causa a filosofia da Abordagem Centrada na Pessoa ou a sua aplicação aos múltiplos campos do humano, propõe o retorno, no campo da psicoterapia, ao modelo dito da Terapia Centrada no Cliente, o qual assenta nos três pilares que acima referimos.

Do mesmo modo, na última década, assistiu-se a um retorno da Abordagem Rogeriana aos meios universitários e a um retomar das actividades de pesquisa, que durante alguns anos tinham passado, de certa maneira, a segundo plano, enquanto que as actividades de exploração dos limites de aplicação e aplicabilidade do modelo filosófico, tinham sido mais privilegiadas.

Nestes últimos dois anos (97 para André de Peretti⁹ e 98 para Jerold Bozarth¹⁰ e Godfrey Barrett-Lennard¹¹) foram publicadas três obras importantes sobre Carl Rogers e o seu modelo. Em cada uma delas, existe uma parte significativa dedicada à revisão crítica da investigação feita ao longo de

mais de 50 anos de existência deste modelo, desde o âmbito da Terapia Centrada no Cliente até ao da Abordagem Centrada na Pessoa, desde os tempos remotos dos anos quarenta e da construção do modelo até aos projectos de investigação recentes e contemporâneos, e desde a especificidade da terapia e do counselling até à pedagogia e à mediação da paz. Nomeadamente, Barrett-Lennard faz uma extensa e cuidada crítica a mais de duzentos projectos de investigação.

Um dos aspectos que me parece particularmente interessante é o empenho posto ao longo de mais de 40 anos, na investigação sobre os efeitos específicos dos modelos terapêuticos.

Já em 1957, Ends e Page¹² comparavam os resultados de três modelos terapêuticos, o psicodinâmico, o rogeriano e o comportamentalista no tratamento de grupo de pacientes hospitalizados com o diagnóstico de “alcoólicos”, concluindo que “a abordagem rogeriana centrada no grupo tem a mais larga aplicação e a maior eficácia”.

John Shlien, Masak e Dreikers¹³ comparavam em 1962 os resultados obtidos, no quadro do Centro de Aconselhamento da Universidade de Chicago, em dois grupos de clientes beneficiando de terapias de tempo limitado (20 sessões); um de inspiração adleriana e o outro segundo o modelo de terapia centrada no cliente, com dois outros grupos de clientes beneficiando dos mesmos modelos de te-

rapia, mas em tratamento sem tempo limitado (em média 37 sessões). Concluíram que os resultados entre os dois modelos não eram do ponto de vista estatístico significativamente diferentes, mas que os clientes pareciam ficar mais rapidamente satisfeitos, em contrapartida, com os resultados obtidos nas terapias de tempo limitado.

As terapias de tempo limitado são um excelente campo de investigação, pela possibilidade de enquadramento num projecto mais controlável e também pela sua brevidade. Um outro estudo que ficou célebre foi o Projecto de Hamburgo¹⁴ em 1981 que consistiu em comparar a psicoterapia de tempo limitado de inspiração psicanalítica com a psicoterapia de tempo limitado centrada no cliente e com um grupo de controle sem terapia, utilizando para tal uma impressionante bateria de testes psicológicos.

Os resultados mostraram uma significativa vantagem no grupo sujeito a terapias em comparação com o grupo que não fez terapia, e uma diferença não significativa entre as duas perspectivas terapêuticas. Contudo, poder-se-ia inferir que os clientes que tinham beneficiado de uma psicoterapia de inspiração psicanalítica tinham no fim do tratamento um maior *insight* em relação aos que tinham beneficiado de uma psicoterapia centrada no cliente, expressando estes últimos, no entanto, um maior sentimento de “bem estar no seu corpo”.

Mais perto de nós e ainda no campo da psicoterapia de tempo limitado centrada no cliente, Odete Nunes¹⁵ fez em 1998 um interessante trabalho de análise com o objectivo de verificar a pertinência de algumas hipóteses teóricas ligadas com a limitação do tempo vivenciada pela díade cliente-terapeuta, e ainda da justeza do enquadramento deste contexto terapêutico no âmbito dos pressupostos de base da psicoterapia centrada no cliente.

Em 1990 Eckert e Biermann-Ratjen¹⁶ comparam os resultados de grupos terapêuticos inspirados nos modelos rogeriano e freudiano e concluem que ambos apresentam iguais resultados na diminuição da depressão, da introversão e do desconforto na adaptação à vida. Mostram também que os que beneficiaram duma abordagem psicanalítica apresentam um maior sentimento de autonomia interna e externa e os que beneficiaram do tratamento inspirado no modelo rogeriano, uma maior capacidade em relacionar-se e contactar com os outros.

De maneira geral verifica-se que a escolha do modelo rogeriano relativamente a outros modelos não assenta numa questão de eficácia, pois é comprovadamente semelhante com a dos principais modelos acreditados no mundo científico, não assenta tão pouco numa especificidade diagnóstica, que aliás o modelo rogeriano sempre rejeitou, mas na opção filosófica

quer do cliente, quando esclarecido, quer do terapeuta, no seu posicionamento em relação às questões fundamentais do valor e do respeito do humano e do seu posicionamento na abordagem da pessoa relativamente a uma perspectiva essencialista ou existencialista.

A abordagem rogeriana regressou ao mundo universitário, que alias nunca deixara totalmente, mantendo o rigor da investigação, e na continuidade do trilho de Rogers que dizia que os factos são sempre amigos, consciente do importante contributo que deu e tem para dar no campo do humano.

Qual é o impacto de Carl Rogers ainda hoje? Neste momento de crise económica, social e humana em que os valores do individual tendem a desaparecer, não em proveito de uma percepção adequada do social, mas do macroeconómico em que o indivíduo só é valorizado em termos económicos e que a vida deixou de ter um valor único (vejam-se os corte nas despesas sociais e de saúde actualmente em todos os países desenvolvidos), a mensagem de Rogers parece-nos de novo indispensável para o retorno ao individual, ao pessoal, mas não num pessoal ou individual que se opõe e é incompatível com o social, mas num individual que dá sentido ao social, num conceito isomórfico de organismo, a todos os níveis de organização, numa posição profundamente ecológica, holística ... e humanista.

Foi bem Carl Rogers uma das

figuras de proa da chamada terceira força da psicologia, a psicologia humanista, alternativa humanista às posições essencialistas e deterministas das psicanálises e dos comportamentalismos.

Referências Bibliográficas:

- ¹ Smith, D. (1982). Trends in counseling and psychotherapy. *American Psychologist*. 37(7), 802-809
- ² Kaplan, (1995). *Comprehensive textbook of psychiatry -sixth edition*. Chapter 31. Williams & Wilkins.
- ³ Rogers, C. (1979). : O tratamento clínico da criança-problema. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora
- ⁴ Rogers, C. (1942). *Counseling and Psychotherapy: Newer concepts in practice*. Boston: Houghton Mifflin. 28-30
- ⁵ Rogers, C. (1942). *Counseling and Psychotherapy: Newer concepts in practice*. Boston: Houghton Mifflin.
- ⁶ Rogers, C. (1951). *Client-Centered Therapy: Its Current Practice, Implications and Theory*. Boston: Houghton Mifflin
- ⁷ Rogers, C. (1961) *On Becoming a Person*. Boston: Houghton Mifflin
- ⁸ Rogers, C. (1986). *Sobre o Poder Pessoal*. São Paulo: Martins Fontes
- ⁹ De Peretti, André (1987). *Présence de Carl Rogers* .Ramonville Saint-Agne: érès
- ¹⁰ Bozarth, J. (1998) *Person-Centered Therapy: A Revolutionary Paradigm*. Ross-on-Wye: PCCS Books
- ¹¹ Barrett-Lennard G. T. (1998). *Carl Rogers' Helping System: Journey & Substance*. London: Sage
- ¹² Ends, E. J. & Page, C. W. (1957) *A study of three types of group*

therapy with hospitalized males
inebriates. Quarterly Journal of
Studies in Alcohol. 18, 263-277

- ¹³ Shlien, J. M., Mosak, H. H.,
Dreikers, R. (1962). Effect of time
limits: a comparison of two
psychotherapies. Journal of
Counseling Psychology, 9. 31-34
- ¹⁴ Meyer, A.E. (Ed.) The Hamburg
Short Psychotherapy Comparison
Experiment. In Psychotherapy
and Psychosomatics, Vol. 35,
N.º2-3, 1981.
- ¹⁵ Nunes, O. (1998): Psicoterapia de
Tempo Limitado uma Perspectiva
Centrada no Cliente. In A Pessoa
Como Centro; revista de Estudos
Rogерianos N.º 1
- ¹⁶ Eckert, J. & Biermann-Ratjen, E. -
M. (1990) Client centered
therapy versus psychoanalytic
psychotherapy: reflections
following a comparative study. In
G. Lietaer, J. Rombatus & R. Van
Balen (eds), Client-Centered and
Experiential psychotherapy in the
nineties. (457-468). Leuven:
Leuven University Press..

